

## **6ª semana de Quaresma**

### **PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DO SENHOR**

#### **EVANGELHO**

#### **Domingo de Ramos, 28 de março de 2010**

*Jesus então enviou Pedro e João dizendo: “Ide preparar-nos a páscoa para comermos”. Perguntaram-lhe: “Onde queres que a preparemos?” (Lc 22,8-9).*

Estamos celebrando, a partir de hoje, a memória litúrgica dos últimos dias de Jesus, nos quais se completou tudo o que Ele devia realizar entre nós e por nós, e tudo o que nós precisamos aprender para o caminho da nossa vida. E eis que também neste começo da Semana Santa Jesus nos envia, com os seus discípulos amados, a preparar o banquete do amor. Não podemos esquecer que a nossa vida, toda ela, parte de um chamado, de um envio. Assim como Cristo é enviado pelo Pai, nós somos enviados por ele, e a meta da vida é uma grande promessa da comunhão eterna com Deus e com os irmãos: “a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino” (Lc 22,30). Esse envio é uma palavra forte que de novo revela que a vida não nos pertence, assim como não nos pertence definitivamente nenhuma riqueza que nos veio com ela. Tudo é dom para chegarmos ao banquete do Pai, à comunhão plena. Por isso, a pergunta dos discípulos: “Onde quer que a preparemos?”, como também aquela do jovem rico: “O que devo fazer?” é tão importante. Somente neste diálogo com ele, no qual Ele nos revela a si mesmo como resposta, podemos acertar a meta.

Onde, portanto, preparar o banquete do Senhor? Na nossa vida, em tudo que nos acontece, sobretudo nas relações, que podemos transformar em comunhão. Estas perguntas não são simplesmente perguntas, são a procura intensa, reflexão que empenha todas as forças, a inteligência, a vontade, a liberdade, e, sobretudo, a oração na qual o Senhor age, para que sejamos preparados, na hora certa, no lugar certo para colaborar com o Senhor, acolhendo o seu envio.

- Neste domingo, acolhendo o envio do Senhor, faço da minha oração a procura do que poderia fazer para preparar nesta semana o banquete do Senhor, ou seja, para viver uma comunhão mais forte com Ele.

#### **Segunda-feira Santa, 29 de março 2010**

*Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer. Pois eu lhes digo: nunca mais a comerei, até que ela se realize no Reino de Deus. (Lc 22,15)*

Que este desejo ardente do Senhor penetre o nosso coração e desfaça as nossas resistências ao seu amor. Reunindo os seus discípulos pela última vez na ceia pascal, Jesus diz que o desejou muito, ardentemente. E, no entanto, nesta ceia Ele se entregou até o fim, aceitando livremente a paixão e a morte, fazendo dela a sua oferta, um dom para nós. Desejou muito dar-se assim aos discípulos, realizar da sua parte tudo para que se cumpra a promessa do Reino. Deseja ardentemente partilhar também conosco a Páscoa deste ano, para que chegue logo a reunião de todos os filhos e se realize definitivamente o que começou naquela primeira Eucaristia. Cada Páscoa é como se fosse a última, ela se transforma na última ceia de Jesus, na qual Ele se dá a nós e nos reúne.

E eu, o que desejo assim fortemente? Desejo estar com Jesus na mesma oferta, doar-me a ele? Desejo que os meus irmãos participem do mesmo Banquete?

- Peço hoje ao Senhor que eu aprenda o seu pensar e sentir, peço que no meu coração palpite o seu sentir por mim, pelos meus amigos, pela sua Igreja.

### **Terça-feira Santa, 30 de março de 2010**

*Eu, porém, orei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. (Lc 22,32)*

*Orai para não entrardes na tentação. (Lc 22,40)*

*Pai, não a minha vontade, mas a tua seja feita. (Lc 22,42)*

Encontramos em muitos momentos desta Quaresma a oração de Jesus. Ela se torna particularmente intensa nesta semana; na angústia do horto de Getsêmani ela é regada pelas gotas de sangue, quando Jesus pedia ao Pai que fosse feita a vontade dele; na cruz, durante o suplício, rezava pelo perdão dos seus perseguidores. Não é possível a oferta da vida sem uma tal constante oração. Jesus na oração recebia a força do Pai, era confirmado no amor. E a nós, como aos discípulos, exorta-nos a rezar, porque de outro modo não resistimos às tentações. A nossa oração e o nosso caminho de vida é sustentado pela oração e oferta de Jesus Cristo, que nos orienta silenciosamente para o Pai: “Orei por ti... Pai, perdoa-lhes...”. Na oração, Ele nos doa o seu Espírito, que nos ensina e fortalece. E eu, renovo minhas forças na oração, entregando-me ao poder do amor de Cristo?

- Neste dia, com a palavra do Evangelho, lembremos particularmente a Igreja: Jesus garante a Pedro a sua oração e, com ela, sustenta os pastores e a Igreja, para que possam em todo tempo confirmar o seu povo na fé. Uno-me hoje à oração de Cristo pela Igreja, uno-me à oração do nosso Pastor. Ofereço a minha oração pelas necessidades da Igreja.

### **Quarta-feira Santa, 31 de março de 2010**

*Imediatamente, enquanto ainda falava, o galo cantou, e o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: ‘Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes’. E saindo para fora, chorou amargamente (Lc 22, 61-62).*

A força de Pedro para amar o Senhor desmoronou diante do perigo da morte; na hora da paixão compreendeu que seguir Jesus significava morrer com ele e teve medo. Mas o Senhor, que conhecia a sua alma, rezou por ele e não tirou o seu olhar de misericórdia naquele momento de fraqueza. O amor do Senhor é o mesmo longo olhar, que nos acompanha na vida e nos sustenta. O mesmo olhar atraiu Pedro quando Jesus o chamou a lançar as redes mais profundamente, e quando o confirmou na fé como a Pedra da Igreja... Assim Jesus olhou com amor também o jovem rico e olha a cada um de nós, em todos os momentos da vida. Na luz deste olhar podemos compreender, como Pedro, que a nossa força não é suficiente para seguir Jesus Cristo, e podemos nos abandonar à força dele, que nos levanta da morte e nos levantará para a ressurreição. João Paulo II escreve aos jovens: “Desejo-lhes que experimentem a verdade que ele, Cristo, lhes fixa com amor (...), que descubram esse olhar de Cristo e que vivam totalmente a sua experiência. Não sei em que momento da vida; mas penso que isso acontecerá quando houver mais necessidade: talvez no momento de sofrimento, talvez por ocasião do testemunho de uma consciência pura (...), ou talvez numa situação oposta: quando se impõe o sentido de culpa, com o remorso da consciência. (...) É necessário para o homem esse olhar amoroso: é-lhe necessária a consciência de ser amado, de ser amado eternamente e escolhido desde toda a eternidade. (...) E isto talvez sobretudo no momento da provação, da humilhação, da perseguição, do fracasso, quando a nossa humanidade fica como que

cancelada aos olhos dos homens, ultrajada e espezinhada: então a consciência de que o Pai nos amou desde sempre no seu Filho, de que Cristo ama cada um e sempre, torna-se um ponto de apoio firme para toda a nossa existência humana. Quando tudo se conjuga para favorecer a dúvida acerca de si mesmo e do sentido para a própria vida, então esse olhar de Cristo, ou seja, a tomada de consciência do amor que nele se mostrou mais forte do que todo o mal e toda a destruição, esta tomada de consciência permite-nos sobreviver” (*Aos jovens e às jovens*, nº 7).

- Peço ao Senhor que possa encontrar o seu olhar de amor mais forte do que todas as fraquezas. Recordo e agradeço todos os momentos da vida em que Ele me sustentou.

### **Quinta-Feira Santa, 01 de abril de 2010**

*‘Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem’ (Lc 23,34).*

*‘Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com o teu Reino.’ Ele respondeu: ‘Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso’ (Lc 23,42-43).*

A mansidão do Senhor, a sua bondade e misericórdia, subvertem todas as forças e critérios deste mundo. A cruz do Senhor foi uma imensa injustiça, sofrimento e humilhação, mas Jesus não pensou em si mesmo; pensou em nós e viveu também aquela hora em comunhão com o Pai e conosco. A sua oração não nega a responsabilidade e culpa dos homens, mas pede ao Pai que continue a derramar a sua graça sobre nós não obstante a culpa. A oração de Jesus na cruz testemunha o Pai, testemunha que a relação com o Pai não cessa quando cessam as possibilidades humanas de agir e confirmações externas do seu amor, que o Pai continua a dar a vida, porque isto não depende do empenho humano. Assim, a cruz de Jesus – não o sofrimento em si, mas a comunhão gratuita que Jesus vive mesmo na cruz – abre realmente a possibilidade do nosso retorno ao Pai, à comunhão. De fato, um dos ladrões que vê Jesus na cruz e escuta a sua oração, reconhece nas suas palavras esta possibilidade de comunhão que Jesus doa, ele acolhe-a e recebe a promessa da vida eterna. O ladrão arrependido se reconhece acolhido por Jesus e perdoado, alcançado pela prece dele. Confessa a sua culpa ao seu companheiro, quando este zomba de Jesus: eles dois mereciam o castigo, enquanto Jesus era o Justo inocente; o ladrão confessa a sua fé em Jesus, para além da morte: “Lembra-te de mim...” Este pobre homem, no último momento da sua vida reconhece a graça de estar com Jesus e, liberado pelo perdão da sua história de culpa, abre-se ao dom gratuito da salvação. Ele talvez não tenha conhecido Jesus antes; bastou-lhe ver a sua comunhão com o Pai na hora da cruz e entrou nela.

A resposta de Jesus é a confirmação, extraordinária, da desproporção da graça divina; não apenas no futuro, mas ‘hoje’ é prometida ao ladrão a salvação: “Hoje estarás comigo”. Este ladrão aprende mais do que o jovem rico: também ao jovem Jesus ofereceu a possibilidade de estar com ele, de segui-lo, e o jovem a recusou; enquanto que o ladrão a acolheu e se tornou anunciador da vida eterna – para o seu companheiro do outro lado da cruz de Jesus e para nós.

- Hoje com a Igreja celebramos a instituição da Eucaristia e a entrega de Jesus – é o mesmo dom da comunhão que nos é oferecido. Aproximo-me de Jesus Eucarístico com a mesma confiante entrega e aproveito a graça do encontro com ele.

### **Sexta-feira Santa, 02 de abril de 2010**

*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito (Lc 23,46).*

A última palavra de Jesus é a entrega definitiva ao Pai. Desde a primeira palavra que o evangelista Lucas põe na boca do menino Jesus no Templo e que exprimia a pertença ao Pai, até esta última, toda a vida de Jesus é o ensinamento do amor do Pai. Tudo o que Jesus viveu, o que Ele é, é por comunhão com o Pai à qual trouxe de volta a humanidade. O que lhe restou ainda, o último respiro, na cruz o entregou ao Pai e deu a nós, como ao jovem rico, o testemunho do desprendimento total, por um amor maior que a ofensa, o pecado e a morte. Agora já não podemos mais ir embora diante do seu apelo de deixar tudo e segui-lo. Doando tudo, Jesus marcou definitivamente o caminho da humanidade, orientando o curso de história para o Pai, para a comunhão dos irmãos. Doando-nos o seu Espírito que incansavelmente opera, orienta os nossos passos, não obstante as caídas, para o Amor. Acolhendo o dom da sua vida, orienta-nos ao mesmo dom de nós mesmos. A isto Ele convida a cada um com o seu 'segue-me'. O papa João Paulo II interpela os jovens a esta coragem do dom de si, ancorados no amor de Cristo: "O conjunto dos mandamentos, que constituem o código fundamental da moral cristã, é completado pelo conjunto dos conselhos evangélicos, nos quais se exprime e se caracteriza de maneira especial, o chamamento de Cristo à perfeição, que é um chamamento à santidade. Quando o jovem faz a pergunta sobre 'alguma coisa mais': 'Que me falta ainda?', Jesus fita-o com amor; e este amor assume aqui um novo significado. O homem é conduzido, interiormente, pela mão do Espírito Santo, de uma vida segundo os mandamentos para uma vida consciente do dom. (...) Sim, amados jovens, meus amigos! O homem, o cristão, é capaz de viver a dimensão do dom; mais, esta dimensão não só é superior à dimensão das simples obrigações morais, expressas pelos mandamentos, mas é também 'mais profunda' do que ela e mais fundamental. Esta dimensão encerra em si uma expressão mais plena daquele projeto de vida que construímos já desde a juventude" (*Aos jovens e às jovens*, nº 8).

- Fixando hoje o meu coração em Cristo Crucificado, do qual me aproximarei junto com os outros na celebração, agradeço-lhe o dom da sua vida e sua morte por mim e lhe peço ainda a graça de aprender dele o que devo fazer para segui-lo no mesmo caminho do dom.

### **Sábado Santo, 03 de abril de 2010**

*Todos os seus amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado, permaneceram à distância, observando essas coisas. Eis que havia um homem chamado José, (...) homem bom e justo, que não concordava nem com o desígnio e nem com a ação deles; (...) esperava o Reino de Deus (Lc 23,49-52).*

Os amigos de Jesus, a sua mãe, ficaram com Jesus, mas à distância, diz o Evangelho, à distância do turbilhão da violência contra Jesus. Talvez a distância para cada um deles significasse algo diferente: para a Mãe de Jesus, significava a partilha da dor imensa que transpassava também a alma dela; para alguns discípulos, talvez significasse ainda perplexidade interior. Não puderam fazer mais nada a não ser em silêncio e na dor aguardar com fé o desfecho e o fruto daquela oferta. Esperavam poder oferecer ainda ao seu corpo o descanso da sepultura. Mas eis que o Pai providenciou o sepultamento de Jesus, por meio de um homem desconhecido, José, homem bom e justo que também se distanciou interiormente das ações contra Jesus, mas não da dor de Jesus e da sua família. Ele esperava o Reino de Deus e colaborou, segundo as suas forças, para a sua vinda. Pelo seu ato o Pai pôde mostrar a sua amorosa providência para com o Filho que se entregou a Ele na morte, como um pré-anúncio da ressurreição: nada falta àqueles que se entregam ao Pai.

- Neste dia de respeitoso silêncio da espera da ressurreição, olho com o Senhor o meu caminho da Quaresma, no qual nos conduzia a pergunta: O que devo fazer para

alcançar a vida eterna? Agradeço ao Senhor por tudo o que aprendi com ele. Falta ainda algo da minha parte?

### **Domingo da Páscoa na Ressurreição do senhor, 04 de abril de 2010**

*No primeiro dia da semana, Maria madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro. (...) Então, entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu (Jo 20,1.8).*

Ressurreição de Cristo! O desfecho divino da história do desconhecimento do Pai e do pecado. A resposta surpreendente, esplendorosa, a todas as perguntas e inquietações humanas. O Senhor caminhou conosco nesta terra e conheceu até os segredos mais profundos dos corações humanos, partilhou conosco tudo, padeceu a morte, e pela sua comunhão com o Pai abriu o nosso mundo, o nosso tempo e o caminho de cada homem à força divina, insuperável, do amor do Pai. A última palavra no nosso caminho é o Amor, a Comunhão, a Paz – a Ressurreição. É a vitória de Deus sobre o mundo no qual nós ainda vivemos; é a fé no amor do Pai que é capaz de nos congregar num só corpo. Maria Madalena descobriu esta verdade quando ainda estava escuro, assim também a descobriram os discípulos amados aos quais ela não pôde senão anunciá-la correndo. Eles viram, embora estivesse escuro, e creram. E esta fé se espalhou como um fogo, como luz que iluminou a humanidade e chegou até nós. Pode ser que também a nós pareça que ainda esteja escuro nalgum momento e não se veja que o Amor já venceu tudo, ressuscitou. Na força da fé, porém, na força do Pai que nos ama e nos salvou pelo seu Filho, já podemos amar sem medo e nos doar para que este desfecho final seja sempre mais visível e atuante – primeiramente no nosso interior, para assim contribuir para a vitória em todos os corações, nas relações, na sociedade.

- Agradeço hoje ao Senhor pelo caminho que me fez percorrer na Quaresma, pelo dom da Igreja, da comunhão dos que se empenharam na mesma fé, pelo dom da fé na ressurreição. Vivo o dia de hoje nesta gratidão e alegria.